

## TRADUÇÃO

### APRESENTAÇÃO DAS TRADUÇÕES *SOBRE A ÍNDOLE POÉTICA DE DANTE E DE GHERARDO DEGLI ANGIOLI*

Sertório de Amorim e Silva Neto<sup>1</sup>

Oferecemos aqui a tradução de dois escritos de Giambattista Vico (1668-1744) inéditos em língua portuguesa e, embora breves, considerados pela crítica centrais para a investigação da poética vichiana e particularmente da sua interpretação da *Comédia* de Dante. Referimo-nos à carta ao jovem ebolitano Gherardo Degli Angioli, do natal de 1725, e ao curto ensaio *Juízo sobre Dante*, que não foi datado por Vico e, também sobre este aspecto, cercado de controvérsias<sup>2</sup>. Um traço interessante destes dois escritos, que certamente os identifica, foi o papel deles na estratégia de divulgação das ideias recém-publicadas na *Scienza nuova* de 1725: Vico conduziria a argumentação como se Degli Angioli e Dante fossem casos exemplares, provas filológicas (em termos de uma ciência experimental) das descobertas da sua tão afeiçoada ciência.

O propósito daquela carta natalícia não era o colóquio cordial e festivo, mas, sobretudo, o elogio e o enaltecimento dos poemas enviados por Degli Angioli, na ocasião com apenas vinte anos de idade. Natural de Eboli, cidade da província de Salerno na região da Campânia, Degli Angioli iniciou sua formação no convento de São Pedro em Eboli, dos frades da ordem mendicante dos Mínimos, e concluiu os estudos com os jesuítas em Nápoles, na mesma época em que conheceu Vico e se fez conhecer nos círculos literários napolitanos, certamente por iniciativa do próprio Vico que o introduziu, ainda bem jovem,

---

<sup>1</sup> Professor do Instituto de Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia (IFILO-UFU). Coordenador do *Grupo de Estudos da Filosofia de G. Vico* e Pós-doutorando em Filosofia pela FFLCH-USP.

<sup>2</sup> O ensaio também não havia sido intitulado por Vico, cabendo aos seus editores inclusive esta tarefa. Na edição organizada por Giuseppe Ferrari (1836), aparece com o título *Juízo sobre Dante* e com a seguinte indicação: *depois de 1732*. Como nossa tradução tomou por base a edição de Ferrari optamos também pela manutenção do título dado por ele. Na edição de Fausto Nicolini das *Opere* de Vico (1953) o ensaio aparece intitulado *Descoberta do verdadeiro Dante, ou seja, novos princípios de crítica dantesca*, e inclui o subtítulo explicativo: *A propósito do comentário de um anônimo à Comédia (entre 1728 e 1730)*, com o qual Nicolini, por um lado, espera resolver as dúvidas concernentes ao escopo daquele texto vichiano e, por outro, polemiza com a datação do primeiro editor.

no salão literário de Dona Angela Cimmino, Marquesa de Petrella<sup>3</sup>. A carta é pouco posterior à estadia de estudos napolitana e, de fato, pretende elucidar os efeitos do regresso à bucólica Eboli sobre o estilo do jovem literato.

Vico teria constatado nos Sonetos uma elevação de estilo sem precedente nos poemas exibidos pelo amigo em Nápoles, naquela época uma das principais metrópoles culturais europeias. Em sua avaliação, era o contraste entre Eboli e Nápoles, entre os bosques e o centro urbano, em suma, a disparidade entre a rusticidade e o impolido senso comum dos camponeses, simplórios, e os costumes refinados e as sábias academias dos filósofos, filhos da *polis*, a causa de tão repentina e nada sutil transformação na arte de Degli Angioli: “mergulhado na selvagem solidão dos bosques nativos, [ele] conseguira revigorar, com primitiva força de sentido e fantasia, o seu ânimo e o seu engenho”<sup>4</sup>. Aquela mudança de habitat, aparentemente inofensiva e sem maiores repercussões, representaria na natureza do douto Gherardo a decadência, o declínio de um posto de civilidade na barbárie e na incivilidade do entendimento, deslocamento temido e intimidador em geral, mas artisticamente fecundo; para Vico, a fonte da mais perfeita poesia, a de Homero e a de Dante.

Os tais Sonetos pareciam brotar do íntimo do artista, como se independentes inteiramente do domínio de uma arte ou fossem espontâneos, nascidos da índole privilegiada de Degli Angioli. Introspectivo e repleto de um humor melancólico típico dos homens de gênio, ele naturalmente foi levado a ler Dante e a se regozijar com um tipo de poesia considerado desagradável, inculto e rude pelo gosto refinado do século XVIII; gosto este, segundo Vico, forjado por um pensamento sutilizado pelo método analítico (cartesiano) e enrijecido por uma filosofia que suprime as faculdades da alma provenientes do corpo e, em especial, a imaginação: fonte inesgotável de erros, mas manancial do engenho na invenção das ficções poéticas e artefatos técnicos. Graças a uma índole privilegiada, toda diferente daquela dos jovens da época, e com o regresso (ou regressão) aos bosques da sua Eboli, o amigo de Vico visivelmente se destacaria das amenidades daquele tempo. Cultivado na filosofia praticada no *Settecento* e na cartesiana inclusive, causadora do “corrupto e estéril intelectualismo do seu tempo”<sup>5</sup>, Degli Angioli não se deixaria sutilizar nem enrijecer, mantendo plenos, em sua “força primitiva”, a imaginação e o engenho, e evitando interromper o fluxo das paixões violentas, que, através do corpo, comovem as mentes, por tudo isso tornando-se um sublime poeta – e em vez da natureza de um homem de letras do XVIII, surpreendentemente, na opinião de Vico, parecia portar melhor a natureza poética de um jovem dos tempos de Dante.

---

<sup>3</sup> Em 1726 morre a Marquesa e Vico, em sua homenagem, organiza a coletânea poética: *Ultimi onori di letterati amici in morte di Angiolina Cimini marchesana della Petrella* (1727), na qual publicou sua conhecida oração *In morte di donn'Angela Cimmino* e fez comparecer também uma canção e mais de uma dezena de sonetos de autoria de Degli Angioli.

<sup>4</sup> AGRIMI, “La lettera di Vico a Gherardo Degli Angioli”, p. 42.

<sup>5</sup> *Ibid.*, p. 36.

Vico elogia os Sonetos de Degli Angioli a partir de duas questões afins, que os argumentos da carta sozinhos estão longe de explicitar integralmente, exigindo, portanto, remissões. O assunto da carta, e a sua leitura deixa isto patente, não foram certamente as rimas em si – “rimas medíocres” no parecer de Agrimi – mas sim os critérios norteadores do encômio: a poética recém-exposta em sua *Scienza nuova*. Um tema fundamental daquelas páginas e já anunciado nos parágrafos anteriores é o do poetar espontâneo, natural, de Degli Angioli: a hipótese de um fazer poético jamais aprendido e aperfeiçoado nos manuais de arte Poética, mas decorrente exclusivamente de certas “modificações da mente humana”, forma de poesia que Vico, em alusão a Longino, chamará de *Sublime*. Outro tema de que se ocuparia a carta e que já nos reenvia ao segundo texto traduzido é o da *Comédia* de Dante como um exemplo de poesia sublime.

Uma das valiosas descobertas científicas de Vico foi a da verdadeira origem da poesia, descoberta que se atribui geralmente à *Scienza nuova*, não obstante apareça expressa já, com clareza, no *De constantia jurisprudentis* de 1721, onde se lê que “[a] poesia originou-se por necessidade natural, apesar de até hoje todos pensarem nascida do propósito e da arte humanos”<sup>6</sup>. Arrastado aos tempos primitivos pela investigação do direito natural das gentes, Vico acabaria por encontrar uma humanidade inteira de poetas, isto é, de homens de vastos corpos (gigantescos), carentes de raciocínio, que transbordavam sensações e emoções, e pensavam sob a pressão da fantasia e por meio de suas ficções – homens capazes dos maiores feitos por paixão, mas inábeis para os menores raciocínios –, denunciando o erro grosseiro de pensar “que a língua dos poetas foi sempre própria deles, nunca comum a todos”<sup>7</sup>. De gênero literário, a poesia viria transformada em *sapienza* (poética), modo pelo qual a humanidade primitiva explicou para si os fenômenos (naturais e também sociais) e erigiu um cosmo ordenado e com sentido, preenchido por uma física, uma astronomia, uma cronologia e uma geografia, por uma moral, uma economia e uma política, todas *poéticas*; adjetivo que qualifica não só o caráter *criativo* desta cosmologia, mas, inclusive, o fato de se tratar de um saber, como a própria poesia, forjado mediante transportes: com ajuda das metáforas, das onomatopéias, das metonímias e das sinédoques, e através daquela propriedade da mente que Longino chamou de “dom inato da grandeza”<sup>8</sup>, fonte do *Sublime* ou daquela poesia recheada do grandioso: de deuses, monstros e heróis gigantescos que mal cabem no globo terrestre, de batalhas épicas terrivelmente violentas e sangrentas, de penas e vinganças eternas.

Vico chegava assim ao conceito de *poesia primitiva*, que abarcará em sua obra uma dupla acepção: da *ancestralidade da poesia*, no sentido de que a *humanitas* primitiva foi de poetas, mas também do seu aspecto, digamos, *antropológico*, ou enquanto a poesia é uma *criação originalíssima*, uma operação conatural à fase de imaturidade da mente humana e que,

<sup>6</sup> VICO, Della costanza del Giurisprudente, p. 141.

<sup>7</sup> VICO, Della costanza del Giurisprudente, p. 96.

<sup>8</sup> LONGINO, Do sublime, p. 76.

em seu modo de ser, extrapola os artifícios estéticos e as artificialidades da criação artística. Seja numa ou noutra acepção, a poesia acha-se em contradição com a *forma mentis* dos filósofos. Neste caso, mais perfeita é a poesia “quanto mais se avizinha das origens e menos ameaçada pela intromissão dos espíritos intelectualistas”<sup>9</sup>. Os filósofos e as academias, as repúblicas benignas e as leis garantidoras da igualdade civil só nasceriam depois, a partir de raízes fixadas em profundidade e alimentadas no solo rústico daquela humanidade de poetas, como demonstram os tempos bárbaros da Grécia, onde a sabedoria, bem antes de um Pitágoras ou de um Sócrates, foi virtude dos poetas, cujo principal representante foi Homero. Na verdade, haveria entre a sabedoria dos poetas e aquela dos filósofos uma relação de proporcionalidade inversa: a poética é uma sabedoria não-filosófica, de “caráter emocional e pré-racional”<sup>10</sup>, um *sensu comum* dos povos, que espontaneamente emerge da robustez dos sentidos e da fantasia, assim como o apanágio da filosofia está na supressão desta natureza poética e no aflorar do raciocínio abstrato e dos gêneros inteligíveis. Segundo Vico, na ordem das coisas humanas, primeiro existiram as selvas e só finalmente as cidades e as academias.

Homero tem um lugar de destaque nas páginas da *Scienza nuova*, pois é o mais antigo poeta que chegou até nós, o principal testemunho e o retrato mais fiel do tempo primitivo e poético da humanidade. Homero tem assim exclusividade: é poeta sem comparação e único de sua espécie, merecendo de Vico o epíteto de “príncipe de todos os poetas”<sup>11</sup>; e propriamente por esta razão, Horácio diria na *Carta aos Pisões* não ser mais possível, depois de Homero, inventar caracteres e personagens trágicos novos, aconselhando tomá-los de empréstimo.

A situação da poesia nos tempos “doutrinados [*addottrinati*]” resultaria do extinguir-se (histórico) da natureza de Homero e da ascensão daquela dos filósofos, situação em que só os artifícios de uma arte, a Poética, podem pretender gerar poetas; arte esta sempre difícil, já que espera gerar um efeito que só uma natureza pode de fato conceder. Depois de extinta aquela primeira natureza, ensinar a ser poeta não podia significar senão, como bem observou Horácio, aconselhar os neófitos desta arte a tomarem empréstimo de Homero, e embora acompanhe de perto os passos do “príncipe dos poetas”, tal arte não pode gerar nunca novos Homeros, só imitadores medíocres, distantes do original na medida em que deliberam e arquitetam uma obra que é autenticamente resultado do dom e emanação efusiva. Vico distinguia, com isso, duas formas de poesia: uma natural, efeito da índole, como a homérica, e outra produto da arte, por isso acanhada e inferior, modalidade que aparentemente determinaria o destino da poesia no ocidente após Homero, isto se não fossem duas valiosas exceções: Dante, que Vico sugestivamente nomeia o “Homero toscano”, e Degli Angioli,

---

<sup>9</sup> FUBINI, Stile e Umanità di Giambattista Vico, p. 156.

<sup>10</sup> AGRIMI, “La lettera di Vico a Gherardo Degli Angioli”, p. 57.

<sup>11</sup> VICO, Della costanza del Giurisprudente, p. 111.

que lembra ao Napolitano um jovem do tempo de Dante. Um e outro tornaram-se poetas à maneira de Homero, mas por vias distintas das trilhadas pelo “príncipe dos poetas”.

Dante mereceria o nome de “Homero toscano”, pois nasceu e viveu no seio da “barbárie retornada”, ou quando a acirrada disputa entre Guelfos e Gibelinos em Florença se difundiu por toda Itália, impondo à nação inteira o regresso a formas de vida primitivas ao transformar em Selvas as cidades italianas. Somos enviados assim à concepção vichiana da história, estruturada a partir de períodos de ciclos (*corsi*), que vão da barbárie e daquela humanidade de poetas – correspondentes na *história ideal eterna* às Idades dos Deuses e dos Heróis – a um estado de plena civilidade e racionalidade, chamado de Idade dos Homens; ciclos estes sucedidos por períodos de recícos (*ricorsi*), nos quais a civilidade conquistada durante o curso da história sofre reviravoltas e a *humanitas* é arrastada violentamente em direção à barbárie e às suas origens pequenas e torpes. Embora sob a influência das filosofias de Bacon, de Descartes e Malebranche, bem como às voltas com a *querelle des anciens et des modernes*, Vico não concebeu o curso histórico linearmente, mas composto por momentos emblemáticos de decadência e quedas na barbárie. Para esta concepção – e isto soava como advertência ao esclarecido século XVIII –, há sempre o risco de que povos sumamente delicados e evoluídos tornem-se dissolutos e retrocedam à selvageria, como teria sido o caso da Itália de Dante.

A imagem da *Selva*, que simboliza a ausência de leis e costumes humanos, a “educação ferina” das gerações, caracterizaria não só o começo dos tempos, mas também o seu recomeço. Por isto mesmo Vico enxerga em Dante a poesia sublime, como foi outrora a de Homero, mas a partir de circunstâncias dessemelhantes. São os dois de índole poética e necessariamente por razões históricas: “como da Grécia não provém poeta maior do que Homero, assim, na Itália, não nasce poeta mais sublime do que Dante, porque tiveram ambos a fortuna de surgirem incomparáveis engenhos no final da idade poética de ambas as nações”<sup>12</sup>. O poeta italiano, contudo, habitou uma Florença que *se tornou* Selva, representando então uma humanidade decaída; Homero participou do processo de conquista da civilidade, Dante daquele da sua perda. O Florentino também será um paradigma, só que de uma humanidade poética retornada, o que quer dizer que Homero permaneceria, ainda assim, um modelo insuperável. Dante, como o próprio Vico o definiu, foi “doutíssimo em divindade”, profundo conhecedor da teologia e também da filosofia cristã; deste modo, para não ferir fatalmente sua concepção de *poesia primitiva*, “fundada sobre a radical oposição de espontaneidade e reflexão”<sup>13</sup>, Vico precisou defender uma irredutibilidade e rebaixar o estilo do Florentino em comparação àquele homérico. A sublimidade da poesia dantesca não autorizaria igualá-la àquela homérica. Haveria um elemento de civilidade e de racionalidade na poesia de Dante que, sobre vários aspectos, a afasta daquela ancestralidade e espontaneidade da poesia primitiva (e da homérica em

---

<sup>12</sup> VICO, *Principi di Scienza nuova*, p. 129.

<sup>13</sup> AGRIMI, “La lettera di Vico a Gherardo Degli Angioli”, p. 44.

particular) levando Vico a dizer que “se não tivesse sabido realmente nem de Escolástica nem de latim, teria tornado um poeta maior, e talvez a fábula toscana tivesse tido como contrapô-lo a Homero”<sup>14</sup>.

O segundo texto cuja tradução apresentamos nestas páginas se propõe justamente a esta singular interpretação do poeta Dante. De acordo com Benedetto Croce, o *Juízo sobre Dante* teria provocado uma revolução na crítica dantesca ao propor, pela primeira vez, a leitura da *Comédia* a partir de três diferentes interesses: o da literatura – o mais habitual – enquanto é rico exemplar da língua toscana, o da poética, pois é um caso, ao lado de Homero, de poesia sublime, e por fim, de modo inédito, sob o prisma da história dos tempos bárbaros da Itália<sup>15</sup>. Trata-se, porém, de um escrito recortado de polêmicas, seja quanto ao ano seja quanto aos motivos de sua redação, que não pretendemos esgotar nestas poucas páginas.

A polêmica em torno da data de redação começa com a edição das obras de Vico por Giuseppe Ferrari. Este intelectual italiano inseriria abaixo do título do ensaio a imprecisa indicação “*dopo il 1732*”, no entanto, este editor jamais explicou os pretextos da indicação, como nota Croce, cabendo depois ao outro editor, Fausto Nicolini, esclarecer a questão<sup>16</sup>. Nicolini observara que a *Scienza nuova* a que o autor se refere nas primeiras linhas daquele ensaio só poderia ser a de 1725 e o texto sobre Dante não seria, portanto, posterior a 1732, mas anterior. O primeiro indício em que se apóia Nicolini é a declaração de Vico, no *Juízo sobre Dante*, segundo a qual, em sua ciência, teria descoberto ser Ênio o primeiro historiador romano, opinião divergente daquela da *Scienza nuova* de 1730, que situa, antes de Ênio, os historiadores Lívio e Névio. Somando-se a isso, lá Vico se refere a certas “Anotações” suas, que devem ser supostamente aquelas preparadas para uma aspirada, e nunca realizada, edição veneziana da *Scienza nuova* de 1725, depois enviadas ao padre Ludovico e desaparecidas desde então; anotações, conforme Nicolini, redigidas entre 1728 e 1729, período que melhor situaria a redação do *Juízo sobre Dante*.

Outra controvertida questão diz respeito ao escopo da redação. Croce faria o cuidadoso esforço de identificar naquele texto de Vico referências ao *Comentário* do jesuíta senês Pompeu Venturi à *Comédia* de Dante<sup>17</sup>. Realmente, nas linhas finais do ensaio, Vico faz alusão a certas “presentes *Anotações à Comédia de Dante*”, como se o seu texto fosse uma sorte de prefácio, ou apresentação, das mesmas. Para dificultar, Vico não nomeia o autor das mencionadas *Anotações*; parece mesmo ignorá-lo designando-o por “N.N.”, fato que, segundo Croce, se justifica em razão do *Comentário* de Venturi aparecer ao público pelas primeiras vezes anonimamente, numa edição de Giambattista Placidi. Dando força a esta tese, Croce, com extrema argúcia filológica, vê enunciado no Prefácio de Venturi ao *Comentário* todo o conteúdo que Vico elogia (a clareza e a brevidade) e mesmo censura (omitir

<sup>14</sup> VICO, *Principi di Scienza nuova*, p. 130.

<sup>15</sup> CROCE, *La poesia di Dante*, p. 173.

<sup>16</sup> CROCE, “Il ‘Giudizio sopra Dante’ di G. B. Vico e il ‘Comento’ di Pompeo Venturi”, p. 407-410.

<sup>17</sup> CROCE, “Il ‘Giudizio sopra Dante’ di G. B. Vico e il ‘Comento’ di Pompeo Venturi”, p. 407-410.

o alegórico) nas tais “presentes *Anotações à Comédia de Dante*”, provando assim a evocação de um escrito pelo outro. A vinculação do *Juíço* com o *Comentário* de Venturi passa a ser dada então como certa, a ponto de Fubini defini-lo como, “mais exatamente, o *Prefácio a um comentário da Divina Comédia*”<sup>18</sup>. Ficava sem resposta conclusiva, contudo, os motivos reais desta suposta prefaciação: Croce põe a hipótese, sem demonstrá-la, de que talvez tenha sido encomendada a Vico para alguma edição napolitana do livro de Venturi, mas exclui a possibilidade de que se tratasse de um “*parere*” ao livro, daqueles que Vico foi várias vezes chamado a elaborar como revisor.

Dirigindo-se ou não a outro texto, que supostamente apresenta, o fato é que Vico fala menos das concepções de outrem do que de suas próprias teorias sobre o estilo poético e sobre a cultura de Dante. A tese revolucionária de Vico foi de que no século XIII Florença vivia uma selvagem barbárie e Dante, filho de sua época, por força das circunstâncias, teria abandonado o posto da elevada filosofia antiga e escolástica, que ele conhecia bem, descendendo ao universo mágico e fantasioso daqueles sublimes poetas, cujo príncipe foi Homero. Por um golpe do curso que fazem as nações, a mente de Dante voltaria a se exercitar mediante transportes, por metáforas, analogias e ideias sensibilíssimas, no lugar dos conceitos abstratos. Um aspecto importante da crítica dantesca de Vico é o de não enxergar no contexto histórico do poeta – em “sua idade vigorosamente bárbara” e em “sua cidade numa acesa luta de partidos” – obstáculos ao gênio poético, acreditando, em vez disto, que “uma poesia como aquela de Dante só podia nascer de uma cidade como Florença”<sup>19</sup>. Sua *Comédia* brotaria da fragilização do cálculo racional e do aflorar vigoroso da imaginação e do engenho, os quais, dirigidos pelas paixões violentas e sem rédeas que dominavam Florença, fizeram toda a maravilha do *Inferno* de Dante, repleto de tormentas e iras implacáveis, como as de Aquiles na *Iliada*. Vico sugere ao leitor da *Comédia* que a aprecie ao lado da poesia de Homero, heróica, e não a partir dos cânones estilísticos do modernismo. O estilo superior da *Comédia* emerge da encenação de paixões destemperadas, da crueldade e ferocidade características dos heróis transportados por Homero aos seus poemas, como é Aquiles na *Iliada*, que abandona a batalha e deixa a nação à própria sorte ofendido pelo roubo de Briseida e depois, arrebatado pelo sentimento de vingança pela morte de Pátroclo, retorna à guerra e novamente empunha sua espada. No coração desta poesia estão indivíduos que agem motivados exclusivamente por paixões, e paixões ditas baixas, inferiores, como o ódio, a inveja, a ira e a vingança, tudo aquilo que a literatura espiritualista do *Século de Luis* expulsou da República das Letras. Por isto mesmo, como sustenta Vico, se pode falar de um maior decréscimo do estilo de Dante nas partes do *Purgatório*, onde se sofre pacientemente, e do *Paraíso*, onde há alegria e paz de espírito, abrandamentos que eliminam os arrebatamentos típicos do maravilhoso *Inferno* de Dante; uma sorte de decréscimo que Vico observa também no estilo da *Odisséia* homérica, onde é encenada a heróica paciência e astúcia de Ulisses.

---

<sup>18</sup> FUBINI, *Stile e Umanità di Giambattista Vico*, p. 162.

<sup>19</sup> FUBINI, *Stile e Umanità di Giambattista Vico*, p. 160.

Dante tornou-se poeta sublime por força das circunstâncias de sua Florença; e o jovem Degli Angioli? Como explicar seu estilo poético sublime tendo ele se formado na Universidade européia do XVIII, onde certamente tomou contato com a filosofia do *Grande Século*, e tendo vivido numa grande cidade como Nápoles, adornada de salões literários e científicos? A índole poética de Homero é explicada pela sua própria *ancestralidade*, ou por se encontrar no começo dos tempos. Dante reencontra a mesma índole, só que por força do fim dos tempos e do recomeço bárbaro da história. Nestes dois casos, a poesia é uma vocação do tempo, o produto das circunstâncias históricas, fato que Degli Angioli heroicamente subverte, tornando-se poeta sublime, mesmo vivendo num tempo inteiramente humano e benevolente. Aquele jovem do tempo de Vico, como por milagre, pois sem as habituais causas históricas, realizaria em seu íntimo a “barbárie retornada”, revivendo em sua natureza o que é próprio à mente e ao corpo dos bárbaros. Degli Angioli trazia consigo a fórmula do estilo sublime e grandioso em uma época de amenidades, sem arrebatamentos e entusiasmos: de um lado, a agitação própria do seu ânimo, predisposta pelo seu humor melancólico e introspectivo, do outro, a repentina mudança de habitat, a reintegração com a Selva de Eboli. Como a filosofia é um purgar-se do senso comum, das paixões e da fantasia, a poesia sublime aflora nos tempos doutrinais somente quando o ânimo volta a se macular com tudo isto, e é o que Degli Angioli consegue com a conjugação destes fatores internos (subjetivos) e externos (ambientais) a ele.

### **Sobre a tradução:**

A edição de base das traduções foi a de Giuseppe Ferrari, *Opere di Giambattista Vico*, Vol. IV, *Opuscoli*, publicado em Milão, no ano de 1836, pela *Società Tipografica De Classici Italiani*, volume disponível na rede mundial de computadores. Professor de Retórica na Universidade de Nápoles e continuamente chamado a redigir discursos solenes – nas aberturas letivas de sua Universidade e em ocasiões como funerais e núpcias –, uma preocupação de Vico foi a de sempre conformar os discursos ao público, e não parece ter sido diferente no caso dos textos traduzidos. A carta de 1725 dirigia-se a Gherardo que o nosso autor dizia ter a natureza de um jovem do tempo de Dante, e o *Juíço sobre Dante*, ensaio supostamente escrito para introduzir um *Comentário* à Comédia de Dante, devia se dirigir, por isso, a um público de leitores apreciadores da poesia dantesca, justificando assim, possivelmente, o modo de expressão emaranhado e pouco fluido dos dois textos, estilo em geral desagradável ao leitor hodierno. Com seus períodos longos e intrincados, quase nunca interrompidos e ordenados de modo que, aos amantes da clareza e perfeição, se assemelham mais ao caos e a desordem, a tradução destes dois textos foi inclusive uma experiência de decifração da *forma mentis* do público a quem se destinavam: indivíduos capazes de se rejubilarem com o *Inferno* dantesco. Nossa tradução buscou não contrariar as intenções do

autor e respeitar a grandiloquência dos textos. No lugar de um trabalho de notas, optou-se por oferecer, na apresentação supra, esclarecimentos gerais e detalhamentos importantes em torno dos textos de Vico.

## A GHERARDO DEGLI ANGIOLI

### *Sobre a índole da verdadeira poesia*

Nápoles, 25 dezembro 1725

Recebi alguns Sonetos e um Capítulo, compostos por V(ossa). S(enhoria). nessa sua pátria, e acompanhei neles muito maior engrandecimento de estilo em relação ao primeiro, com o qual o senhor dois meses atrás partiu de Nápoles, de modo que me deram forte motivo de observá-los pelo aspecto dos Princípios da Poesia por nós ultimamente descobertos com a luz da *Ciência Nova sobre a Natureza das Nações*; pois as selvas e os bosques, que não costumam tornar gentis os ânimos e em nada refinar os engenhos (nem vejo certamente outra causa), fizeram esse vosso tão sensível, quanto repentino melhoramento. Primeiramente, o senhor surgiu em tempos demasiadamente utilizados pelos métodos analíticos, demasiadamente enrijecidos pela severidade dos critérios e, pois, de uma filosofia que professa amortecer todas as faculdades do ânimo que lhe provêm do corpo e, sobretudo, aquela de imaginar, que é detestada hoje como a mãe de todos os erros humanos. Em uma palavra, o senhor surgiu nos tempos de uma sabedoria que congela toda a generosidade da melhor poesia: que não sabe desenvolver-se senão por transportes; que faz sua regra o juízo dos sentidos; e imita e pinta com vivacidade as coisas, os costumes, os afetos ao fortemente imaginá-los e, portanto, vivamente senti-los. Mas os raciocínios filosóficos destas matérias, o senhor, como muitas vezes percebi, só com a sua mente perscruta, como para vê-las na praça ou no teatro, e não para acolhê-las intimamente a dissipar-vos a fantasia, dispersar-vos a memória e sufocar-vos o engenho, o qual incomparavelmente é o pai de todas as invenções, e por isso é aquilo que merece toda a maravilha dos doutos; pois todas nos tempos bárbaros nasceram: as maiores e as mais úteis invenções, como a bússola e o barco somente a velas, que juntos permitiram o descobrimento das Índias e a demonstrada realização da Geografia; o alambique que causou, com a Espargíria, tantos avanços na Medicina; a circulação do sangue que fez mudar de sentimentos em relação à Física do corpo animado e virar a cara à Anatomia; a pólvora e a pistola que trouxeram uma nova Arte bélica; a imprensa e o papel que repararam a dificuldade das pesquisas e as perdas dos manuscritos; a cúpula sobre quatro pontos por vários arcos suspensa, que surpreendeu a Arquitetura dos antigos e motivou a nova ciência Mecânica; e no expirar da barbárie, o telescópio, que produziu novos sistemas de Astronomia.

Além disto, o senhor surgiu na idade da aqui entre nós refulgente Poesia toscana. Mas grande benefício deve o senhor ao tempo em que foi, sem ajuda alheia, levado a ler Dante, Petrarca, Guidiccioni, Casa, Bembo, Ariosto e outros poetas heróicos do *cinquecento*; porque acima de todos – ajuizado disso não por um conselho alheio, mas pelo vosso senso poético – vós rejubilais de Dante, contra o curso natural dos jovens, os quais, pelo belo sangue que ri em suas veias, divertem-se com flores, com enfeites, com amenidades; e vós, com um gosto austero, bem cedo agradastes daquele divino poeta que às fantasias delicadas de hoje em dia, ao contrário, parece inculto e áspero, e aos ouvidos amolecidos por músicas afeminadas soa amiúde uma desafinada e, freqüentemente, também desagradável harmonia. Este lhe foi dado pelo humor melancólico que no senhor é abundante. Daí que nas nossas conversações, também ameníssimas, vós, do prazer das coisas de fora, costumais retirar-vos àquele do vosso senso interior; e ainda que com a vossa tenra idade sejais versado, há cerca de dez anos, na luz desta grande, bela e gentil cidade da Itália, todavia, porque nascestes para o pensar poético, raro e pouco falado em língua vulgar, ainda vos apresentais pouco adestrado à polidez do nosso sermão civil. Ora, é claro que saibais o que tornou um grande poeta Dante, do qual vós tanto vos regozijais por um certo senso natural, por isso ele vos tornou poeta que trabalhais em profusão, e não por uma reflexão apropriada sobre o assunto, o que vos tornaria um imitador medíocre.

Nasce Dante no seio da animalesca e feroz barbárie da Itália, que não foi maior do que aquela de quatro séculos antes, isto é, nos IX, X e XI, e no XII. Em meio a ela, Florença tornou-se cruel com as facções dos Brancos e Negros, que depois arderam toda a Itália, propagadas naquelas dos Guelfos e dos Gibelinos, pelas quais os homens deviam levar a vida nas selvas, ou nas cidades como selvas; não comunicando nada ou só pouco entre eles, a não ser, caso contrário, pelas extremas necessidades da vida; devendo, neste estado, mendigar numa suma pobreza de locuções, em meio a confusão de tantas línguas quantas foram as nações que, do Setentrião, vieram descendo para inundá-la, quase repetindo na Itália o episódio daquela grande torre da Babilônia: os Latinos não compreendendo os bárbaros, nem os bárbaros os Latinos. Pela vida selvagem, conduzida somente na cruel meditação dos indistintos ódios que foram deixados longa idade em herança aos vindouros, deveu entre os Italianos retornar a língua muda, que nós demonstramos ser a das primeiras nações gentias, com a qual os seus autores, antes de encontrar as línguas articuladas, deveram explicar-se à maneira dos mudos, por atos ou corpos que tivessem relações naturais com as ideias, que deviam ser então sensibilíssimas, das coisas que eles gostariam de significar; expressões as quais, vestidas depois de palavras vocais, devem ter feita toda a evidência do falar poético. Este estado de coisa deveria durar alhures em Florença, por causa da ebulição turbulenta daquela acérrima nação; como por bem duzentos anos depois, até que foi pacificada com o principado, durou o vagalhão daquela república tempestuosíssima. Mas a Providência, para que não se exterminasse realmente o gênero humano, reconduzindo-os aos tempos divinos do primeiro mundo das nações, ordenou que ao menos a religião, com a língua da Igreja latina (e do mesmo modo e pelas mesmas causas prove o Oriente com a

língua grega), mantivesse os homens do Ocidente em sociedade: onde somente estes que a compreendiam, isto é, os sacerdotes, eram os sábios. Do quanto foi há pouco advertido, provas muito incisivas são estas três:

I. Que nesses tempos, os reinos cristãos, em meio ao mais cego furor das armas, encerraram-se sobre ordens eclesiásticas. Daí, quantos eram os bispos tantos eram os conselheiros reais; e disto resultou que por toda a Cristandade, e na França sobremaneira, os eclesiásticos formaram a primeira ordem dos Estados.

II. Que de tempos tão miseráveis não existem reunidas memórias, a não ser escritas em um latim corrompido por homens religiosos, ou monges ou clérigos.

III. Que os primeiros escritores dos novos idiomas vulgares foram os Rimadores provençais, sicilianos e florentinos, e a sua língua vulgar, pelos Espanhóis, se diz todavia língua de Romance, entre os quais os primeiros poetas foram Romancistas, precisamente como nós, na *Ciência Nova*, pelas mesmas antecipadas causas, demonstramos ser Homero. Como ele é, com certeza, o primeiro autor grego que chegou até nos, assim é, sem comparação, o príncipe e o pai de todos os poetas que floresceram depois dele nos tempos doutrinados da Grécia, que o seguiram, mas distantes por muito longo espaço. Origem essa da poesia, qualquer um que nela se empenhe, pode sentir, e também refletir, ser verdadeira em si mesma; que nessa mesma abundância de língua vulgar na qual nascemos, logo que, com o verso ou com a rima, tiver a mente colocada sob grilhões e em dificuldade de desenvolver-se, sem compreendê-lo é levado ao falar poético, e não irrompe jamais no maravilhoso a não ser quando é mais afligido por uma dificuldade deste tipo. Por tal pobreza de língua vulgar, Dante, para desenvolver sua *Comédia*, deveu recolher uma língua de todos os povos da Itália, como Homero, porque surgido em tempos semelhantes, havia recolhido a sua de todos aqueles povos da Grécia. E então depois, cada um nos poemas dele reconhecendo os seus falares nativos, todas as cidades gregas disputaram Homero como seu cidadão. Assim Dante, munido de expressões poéticas, empregou o colérico engenho na sua *Comédia*, em cujo *Inferno* desenvolveu toda a grandeza da sua fantasia, narrando iras implacáveis, das quais uma, e não mais, foi aquela de Aquiles, e recordando uma quantidade de impiedosíssimas tormentas: exatamente como, na crueldade da Grécia bárbara, Homero descreveu tantas várias formas atrozes de mortes crudelíssimas, ocorridas nos combates dos Troianos com os Gregos, que tornam inimitável sua *Iliada*. E ambos, de tanta atrocidade derramam suas fábulas, que nesta nossa humanidade produzem compaixão e outrora causavam prazer nos ouvintes, como hoje os Ingleses, pouco amolecidos pela delicadeza do século, não se regozijam com tragédias que não têm atrocidades: precisamente tal qual o primeiro gosto do teatro grego, ainda cruel, que foi certamente das nefárias ceias de Tieste e das ímpias chacinas, feitas por Medeia, dos irmãos e dos filhos. Mas é no *Purgatório* onde se sofrem tormentosíssimas penas com paciência invariável; no *Paráiso*, onde se goza infinita alegria com uma suma paz de ânimo, nesta benignidade e paz de costumes humanos não é grandemente maravilhoso Dante, tanto quanto o foi naqueles tempos impacientes de ofensa ou de dor: exatamente como, pelo concurso das mesmas causas, a *Odisséia*, onde se celebra

a heróica paciência de Ulisses, é compreendida agora menor que a *Iliada*, que nos tempos bárbaros de Homero, semelhantes àqueles de Dante, que depois se seguiram, deveu produzir altíssima maravilha. Por isso se disse, que o senhor não já me parece ser imitador de Dante, porque certamente quando o senhor compõe não pensa em imitar Dante, mas, com tal melancólico engenho, tal severo costume, tal açambarcamento de expressões poéticas, é um rapazote de natureza poética dos tempos de Dante. Portanto, nascem estas três vossas propriedades poéticas:

I. Que essa vossa fantasia vos leva a entrar nas coisas mesmas que vós quereis dizer e, com aquela, as vedes tão intensas e vivas que não vos permitem refletir, mas vos forçam a senti-las, e senti-las com esse vosso senso de juventude, o qual, como adverte Horácio na *Arte*, é por sua natureza sublime; ademais, com sensibilidade em nada debilitada pelas atuais filosofias, em nada amolecida por prazeres efeminados, e por isso sensibilidade robusta; e finalmente, graças às sombras da vossa melancolia – e como à sombra os objetos parecem maiores do que verdadeiramente são – com sensibilidade também grande; por isso deve, por natureza, trazer consigo a expressão com grandeza, veemência, sublimidade.

II. Que os vossos são sentimentos verdadeiramente poéticos, porque são desenvolvidos pelas sensações e não compreendidos por reflexão, tal como as duas sortes de poetas que Terêncio descreveu-nos no seu *Quérea*, rapazote violentíssimo, que da escrava, de quem ele se enamorou fervorosamente ao vê-la passar pela rua, disse ao seu amigo Antifão:

... *Quid ego ejus tibi nunc faciem praedicem, aut laudem, Antipho; Cum ipsum me noris, quam elegans formarum spectator siem?*

[... Por que eu exaltaria ou louvaria a beleza dela para você, Antifão, uma vez que você sabe o quanto eu sou um exigente apreciador das formas?]

(eis os poetas que cantam as belezas e virtudes das suas mulheres através de reflexões, qual Filósofos que raciocinam em versos ou rimas de amor); e desfecha todos os sumos e soberanos elogios à sua bela escrava com esse senso poético, desenvolvido, com poética brevidade, neste mote: *In hac commotus sum* [Ela me deixou sacudido], com o qual deixa recolher o raciocínio de que a escrava fosse a mais bela e graciosa dentre todas belas e graciosas mulheres, e mulheres Atenienses, que um juiz de bom gosto em matéria de beleza tenha jamais visto, observado e acompanhado.

III. E finalmente, porque as vossas composições são próprias aos sujeitos de que falais, porque não vai procurá-los nas ideias dos filósofos, pois os sujeitos tais deveriam ser (de modo que os falsos elogios são verdadeiras repreensões disto que lhes falta). Mas os encontrais nas ideias dos poetas, como naquelas dos pintores, que são as mesmas, e não diferem entre si a não ser pelas palavras e as cores; e assim elas são ideias das quais esses sujeitos participam em alguma medida. Deste modo, com mérito os executais, contornando-os sobre estas ideias; precisamente como os divinos pintores executam,

sobre certos modelos ideais seus, os homens ou as mulheres que eles retratam nas telas; de maneira que os retratos com melhores ares representam os originais, que tu podes dizer que é aquele, ou aquela.

Por tudo isso eu me congratulo com o senhor e com a nossa nação, a qual o senhor muito glória trará. Lhe trago mil saudações da parte do afetuosíssimo ornamento dos amigos, P(adre). D(on). Roberto Sostegni, e lhe beijo com ternura as mãos.

## JUÍZO SOBRE DANTE

(Após 1732)

A *Comédia* de Dante Alighieri é para ser lida por três olhares: de história dos tempos bárbaros da Itália, de fontes dos belíssimos falares toscanos, e de exemplo de sublime poesia.

Nisto que diz respeito ao primeiro, ele está assim pela natureza ordenado e disposto, que por uma certa uniformidade do curso que faz a mente comum das nações ao começar a polir sua barbárie, a qual é, por natural costume, franca e verdadeira porque destituída de reflexão, a qual, aplicada para o mal, é a única mãe da mentira, os poetas cantem ali histórias verdadeiras. Assim na *Nova Ciência sobre a Natureza das Nações* temos: ser Homero o primeiro historiador da Gentilidade, o que melhor se confirma nas *Anotações*, escritas por nós, àquela obra, nas quais o encontraremos de fato bem diferente daquele Homero até agora crido por todo mundo; e certamente o primeiro historiador dos romanos por nós conhecido foi Ênio, que cantou as guerras cartaginesas; conforme os mesmos exemplos, o primeiro ou um dos primeiros historiadores italianos foi o nosso Dante. Isto que ele, em sua *Comédia*, misturou de poeta, é que narra os antepassados, segundo os méritos de cada um, alojados ou no Inferno ou no Purgatório ou no Paraíso; e ali, como poeta, deve *sic veris falsa remiscet* [assim misturar o falso com o verdadeiro], para ser um Homero ou um Ênio conveniente à nossa religião cristã, que nos ensina os prêmios e os castigos das nossas boas ou desafortunadas operações serem mais do que os temporais, os eternos. De modo que as alegorias deste poema não são mais do que aquelas reflexões que deve fazer por si mesmo um leitor da história: de tirar proveito dos exemplos alheios.

O segundo olhar pelo qual Dante é para ser lido, é que ele é uma pura e extensa fonte de belíssimos dizeres toscanos. Nisto não está ainda satisfeito por um proveitoso comentário e por isso mesmo se dissesse vulgarmente que Dante tenha reunido expressões de todos os dialetos de Itália: esta falsa opinião não pôde senão daí provir, porque no *cinquecento*, quando doutos homens deram-se a cultivar a língua toscana falada em Florença no *trecento*, que foi o século de ouro desta língua, observando eles um grande número de falares em Dante, os quais não haviam realmente correspondentes nos outros escritores toscanos, e, além disso, reconhecendo muitos deles por fortuna viverem ainda pelas bocas de outros povos da Itália, creram que Dante os tivesse então recolhidos e transportados para

sua *Comédia*: que é o mesmo fato exatamente que acontece com Homero, o qual quase todos os povos da Grécia quiseram que fosse cidadão seu, pois cada povo, naqueles dos poemas dele, reconhecia os seus nativos e ainda viventes falares. Mas tal sorte de opinião é falsa, por duas gravíssimas razões: a primeira, porque Florença devia possuir, propriamente naqueles tempos, a maior parte dos falares em comum com todas as outras cidades da Itália, de outro modo a língua italiana não teria sido comum também à florentina. A segunda é que naqueles séculos infelizes, não se encontrando escritores em idiomas vulgares pelas outras cidades da Itália, como dali de fato nenhum nos chegou, não bastava a vida de Dante para aprender as línguas vulgares de tantos povos, daí que ao compor sua *Comédia* tivesse então pronta a abundância daqueles falares que a ele se faziam necessários para explicar-se. Deste modo, seria mister aos *Acadêmicos da Crusca* que mandassem pela Itália um catálogo de tais sortes de vocábulos e falares, e das classes baixas da cidade, que melhor que as nobres e dos homens de corte conservam os costumes e as linguagens antigas, e muito mais das dos camponeses que as conservam ainda melhor que as mais baixas classes da cidade, então informar-se sobre quantos e quais destes usassem e com quais significações, para que tivessem deles a verdadeira compreensão.

O terceiro olhar pelo qual Dante deve ser lido é para contemplar nele um raro exemplo de um sublime poeta. Mas esta é a natureza da sublime poesia: que ela não se deixa aprender por arte alguma. Homero é o mais sublime poeta acima dos muitíssimos que depois dele vieram; e nem teve Longino algum outro antes que tivesse dado a eles preceitos de sublimidade poética. E as mesmas principais fontes do sublime, que demonstra Longino, não podem desfrutar senão aqueles aos quais foi concedido e sorteado pelo céu. São elas ali, as mais sagradas e as mais profundas, não mais do que duas. A primeira, a grandeza de ânimo, que não cuida senão da glória e da imortalidade, e por isso despreza e tem por vil todas aquelas coisas admiradas pelos homens avaros, ambiciosos, moles, delicados e de costumes femininos. A segunda, o ânimo conformado por virtudes públicas e grandes, e sobretudo pela magnanimidade e pela justiça, tal como, sem nenhuma arte e por força da sublime educação das crianças ordenada por Licurgo, os Espartanos – os quais por lei eram proibidos de saber letras – ditavam todo dia e vulgarmente, com expressões tão sublimes e grandes que os mais brilhantes poetas heróicos e trágicos prezaram ditar algumas poucas semelhantes em seus poemas. Mas aquilo que é mais próprio da sublimidade de Dante é que ele teve a sorte de nascer grande engenho no tempo da expirante barbárie de Itália, por que os engenhos humanos são como os terrenos, os quais, por longos séculos incultos, se finalmente uma vez reduzem-se à cultura, dão graciosamente frutos, em perfeição, em grandeza e em abundância maravilhosos, mas cansados de ser todavia mais e mais cultivados, os dão poucos, insossos e pequenos. Que é a causa porque no final dos tempos bárbaros resultaram um Dante na sublime e um Petrarca na delicada poesia, um Boccaccio na elegante e graciosa prosa, exemplos, todos os três, incomparáveis, que se devem de todo modo seguir, mas não se podem, em condição alguma, alcançar. Mas em nossos tempos cultíssimos se

trabalham belas obras de engenho, sobre as quais outros podem erguer-se na esperança não só de alcançá-los, mas de superá-los.

Tendo em vista tudo isso, creio eu, N. N. escreveu as presentes *Anotações à Comédia de Dante*, nas quais, com aquele difícil nexos de clareza e brevidade, torna verossímil a história das coisas, ou dos fatos, ou das pessoas que lá são mencionados pelo poeta; explica com razoabilidade os seus sentimentos, de modo que se pode chegar ao conhecimento da beleza ou elegância, do ornamento ou da elevação dos seus falares, que é a maneira mais eficaz para conseguir a língua dos bons escritores: entrando no espírito disto que sentiram e que eles quiseram dizer (por esta via, no *cinquecento*, resultaram tantos brilhantíssimos escritores latinos em prosa e verso, antes de se celebrar os Calepinos e muitos outros Dicionários); deixa de lado toda moral e sobretudo científica alegoria: não se coloca ali em cátedra de desenvolver a Arte poética, mas tudo colabora para que a juventude leia-o com aquele prazer que apetece às mentes humanas, onde, sem perigo de nausear-se com os longos comentários, aprendem muito brevemente, no qual os comentadores, incomodamente, costumam reduzir tudo isso que eles comentam. Por isso as estimo utilíssimas nesta idade particularmente, na qual se quer saber a propriedade das coisas com exatidão e facilidade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGRIMI, Mario. “La lettera di Vico a Gherardo Degli Angioli”. In \_\_\_\_\_. *Alle cose insensate dare senso e passione: studi vichiani*. Napoli: Liguori, 2012, p. 35-83.

CROCE, Benedetto. *La poesia di Dante*. Bari: Laterza, 1921.

\_\_\_\_\_. “Il ‘Giudizio sopra Dante’ di G. B. Vico e il ‘Commento’ di Pompeo Venturi. In *La critica. Rivista di Letteratura, Storia e Filosofia*. N. 25, 1927, p. 407-410.

FUBINI, Mario. *Stile e Umanità di Giambattista Vico*. Napoli: Riccardo Ricciardi, 1965.

LONGINO, Dionísio. *Do sublime*. São Paulo: Cultrix, 2005.

VICO, Giambattista. *Della costanza del Giurisperdente*. Tradução italiana de Francesco Pomodoro com texto latino ao pé da página. Nápoles: Fratelli Morano, 1861.

\_\_\_\_\_. *Princípios de uma Ciência nova*. Organização e Introdução de Fabrizio Lomonaco. Napoli: Diogene Edizioni, 2014.